

Didática com tipos móveis no Museu da Imprensa Eloy de Souza: relato de experiência formativa

Didáctica con tipos móviles en el Museu da Imprensa Eloy de Souza: relato de experiencia formativa

Didactics with movable type at the Museu da Imprensa Eloy de Souza: a report of formative experience

Elizabeth Romani, Helena Rugai Bastos, Juliana G. Atanazio, Ana Clara P. Araújo

tipografia, ensino, museu, impressão, design

Este artigo objetiva apresentar um modelo de formação envolvendo a composição de tipos de metal utilizando o acervo do Museu da Imprensa Eloy de Souza do Departamento Estadual de Imprensa do Rio Grande do Norte. A formação teve o propósito de divulgar a memória gráfica por meio da exposição do acervo e de transmitir o conhecimento de uma técnica de impressão. Para tal, foi concebido um momento expositivo dialogado e outro de prática experimental. Espera-se, que a reflexão sobre o processo de ensino de técnicas de impressão utilizando tipos móveis de metal amplie a discussão na área do design da informação relacionado com patrimônio cultural, resgates gráficos e tipográficos.

tipografía, docencia, museo, imprenta, diseño

El objetivo de este artículo es discutir un modelo de formación en tipografía metálica a partir del acervo del Museu da Imprensa Eloy de Souza do Departamento Estadual de Imprensa do Rio Grande do Norte. El objetivo de la formación era dar a conocer la memoria gráfica a través de la exposición de la colección y transmitir el conocimiento de una técnica de impresión. Para ello, se diseñó una exposición dialogada y una práctica experimental. Se espera que la reflexión sobre el proceso de enseñanza de las técnicas tipográficas amplíe el debate en el ámbito del diseño de la información relacionada con el patrimonio cultural, gráfico y tipográfico.

typography, teaching, museum, printing, design

This article aims to discuss a training model involving metal typesetting using the collection of the Museu da Imprensa Eloy de Souza do Departamento Estadual de Imprensa do Rio Grande do Norte of the Departamento Estadual de Imprensa do Rio Grande do Norte. The aim of the training was to disseminate the graphic memory through the exhibition of the collection and to pass on knowledge of a printing technique. To this end, a dialogical exhibition and an experimental practice session were designed. It is hoped that reflection on the process of teaching typographic techniques will broaden the discussion in the field of information design related to cultural heritage, graphic, and typographic heritage.

1 Introdução

Os tipos móveis fazem parte da história e do desenvolvimento da escrita e dos processos de impressão, permitindo a reprodução e a divulgação de textos e documentos. Estudiosos que se dedicaram à pesquisa desse desenvolvimento revelam que a prática de impressão por meio de caracteres móveis e de matrizes com ornamentos, imagens e desenhos se deu na China e no leste asiático, na Ásia Central e na Europa (Febvre & Martin, 2017; Carter, 1955). Mas é a partir do advento do sistema de moldes ajustáveis criados por Johannes Gutenberg (1400-1468) que a tipografia¹ se consolida. Além dos moldes para fundir os tipos de metal, neste período houve o aperfeiçoamento da tinta pastosa que possibilitou melhor transferência do pigmento para a matriz de impressão. Assim, muitas das técnicas de impressão aplicadas na reprodução gráfica são oriundas do desenvolvimento dos tipos móveis de metal. Desde o século XX, de acordo com Lupton (2006), partes das fontes mais utilizadas se baseiam nos desenhos da face dos tipos de metal do passado. Ao compreender que os designers criam fontes tendo como referência características tipográficas históricas, percebe-se a crescente importância do estudo da memória gráfica no âmbito do design.

No Rio Grande do Norte, desde 2017, os estudos abordando a memória gráfica vêm sendo estabelecidos por meio de projetos de pesquisa e de extensão vinculados ao Curso de Design da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). No decorrer das investigações, constatou-se que as oficinas tipográficas do estado foram quase todas desativadas no início da década de 1990 e que grande parte do acervo desapareceu durante a substituição por novas tecnologias gráficas (Lopes Neto et al., 2019).

Apesar da substituição tecnológica, muitos pesquisadores e designer têm tentado hoje resgatar as técnicas de impressão tipográfica, seja com objetivo de conservar e investigar a memória gráfica de um local (Leschko et al., 2014), ou para experimentar uma técnica tradicional de produção gráfica, revisitando formas de composição e do pensamento visual de uma época (Farias, 2008). O reconhecimento da importância dos tipos móveis de metal no design gráfico vem promovendo estudos neste âmbito, como os de Aragão (2010, 2016), Aragão et al. (2012), Strazzi et al. (2015), Lopes Neto et al. (2019), entre outros.

A valorização de técnicas de reprodução que expressam marcas do processo gráfico, permitiu a exploração de edições especiais, empregando tipos metálicos e clichês tipográficos por editoras independentes, a exemplo da editora Quelônio em São Paulo, Titivillus editora em Pernambuco, e Editora Noa Noa em Santa Catarina. Nessa perspectiva, considerando as potencialidades da impressão tipográfica e o caráter pedagógico na formação do designer, é importante que os Cursos de Design busquem acesso às antigas técnicas de impressão, no intuito de ampliar a experiência dos discentes.

Neste caminho, o estudo aqui apresentado é o desdobramento dos resultados do projeto de pesquisa “Oficina Tipográfica do Bacharelado em Design da UFRN: organização de tipos móveis de metal e catalogação dos clichês tipográficos”, iniciado em 2023, e o projeto de

¹ De acordo com Porta (1958), a tipografia é a arte de compor e imprimir com tipos.

extensão “Conhecendo os clichês tipográficos: oficina para a exploração gráfica e para a valorização da memória gráfica potiguar”, desenvolvido em 2024. Esses projetos são ações integradas entre o Departamento Estadual de Imprensa (DEI) e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Este artigo objetiva apresentar e discutir um modelo de prática didática (oficina), para complementar a formação sobre produção gráfica, considerando processos de impressão e reprodução tradicionais, especificamente a tipografia. Para tanto, foi idealizada uma oficina no Museu da Imprensa Eloy de Souza (MIES), instituição vinculada ao DEI, viabilizando a aproximação de discentes do Curso de Design da UFRN com o acervo do Museu, a utilização dos artefatos que fazem parte do acervo do MIES (tipos móveis de metal, maquinários e suprimentos de impressão), e o aprendizado sobre os processos empregados para a impressão tipográfica.

Para fundamentar tanto a ação como o conteúdo aqui apresentado, foi necessário o estudo, por meio de revisão bibliográfica, de temas que contemplam o desenvolvimento histórico dos processos de impressão tipográfica, produção tipográfica por meio de tipos móveis, o MIES e seu acervo.

O artigo, então, apresenta uma contextualização sobre o MIES e seu acervo e, por fim, o planejamento e a realização da atividade formativa com tipos móveis de metal do Museu. A ação formativa, vale ressaltar, é uma proposta inovadora, pois foi realizada uma experiência didática com as máquinas e as ferramentas do acervo do MIES. A atividade serviu a dois propósitos, a saber: divulgar a memória gráfica local por meio da exposição do acervo do Museu e transmitir o conhecimento sobre composição tipográfica. Assim, a ação foi desenvolvida em dois momentos: a partir da exposição sobre o MIES e a tipografia, seguido de atividade prática desenvolvida por cada participante.

Considerando os projetos de pesquisa sobre a memória gráfica potiguar e o referencial teórico que embasam e fundamentam este estudo, é possível destacar aspectos inerentes à composição manual associados à impressão tipográfica, o resgate desses processos de produção gráfica e a reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem de técnicas tradicionais em um espaço não formal de ensino, questões estas que podem contribuir para a compreensão sobre patrimônio cultural material e imaterial e sobre a necessidade de preservação destes bens e da memória gráfica brasileira. Espera-se que os resultados deste estudo, por meio da divulgação e propagação das técnicas de impressão tipográfica, subsidiem ações educativas no MIES e motivem designers e artistas interessados a desenvolver materiais gráficos, a partir da exploração de técnicas de impressão e reprodução com tipos móveis e com clichês tipográficos.

2 O Museu da Imprensa Eloy de Souza - MIES

O Museu da Imprensa Eloy de Souza (MIES) preserva uma parte da história da tecnologia gráfica e do jornalismo potiguares. A instituição está localizada em um antigo casarão no bairro

da Ribeira, na cidade de Natal/RN. O conjunto de edificações abriga a Imprensa Oficial do estado desde 1931², e o casarão recebeu o nome do periódico *A República*. Vale esclarecer, que o jornal *A República* foi fundado, juntamente com a *Typographia d'A República*, em 1º de julho de 1889 por Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, que também fundou o partido republicano norte-rio-grandense. O jornal era, então, o órgão oficial do partido republicano (Fernandes, 2006). Com a Proclamação da República (1889), Pedro Velho assumiu o governo provisório do RN e *A República* se transformou em um jornal noticioso e político, e nele foram impressos os atos do governo, ao menos nos períodos em republicanos estavam à frente do governo (Fernandes, 1996; Fernandes, 2006). Além de atuar como editora do periódico, a oficina gráfica produzia outros impressos, incluindo livros, cartões e formulários. Em 1928, no governo de Juvenal Lamartine de Faria, a Imprensa Oficial do RN foi criada pelo Decreto nº 379, de janeiro de 1928, e *A República* foi decretada o “órgão dos poderes públicos de Estado” (Fernandes, 2006, p.49). Mas, somente em 1931 a gráfica ocupou sua sede, como mencionado, na edificação que hoje abriga o Departamento Estadual de Imprensa³.

Em 2003, durante a modernização administrativa e da gráfica do DEI, o ambiente da extinta oficina tipográfica foi transformado em um espaço expositivo. O espaço foi inaugurado em 13 de novembro de mesmo ano, com intuito de preservar e divulgar a história da imprensa e seu papel como disseminador de informações na trajetória política do estado. Inicialmente, durante a fase de planejamento, a Instituição recebeu o nome de Museu da Imprensa do Rio Grande do Norte, que foi alterado em 13 de novembro de 2004, momento em que foi proposta a homenagem ao jornalista e ex-diretor do Diário Oficial, Eloy Castriciano de Souza (Fernandes, 2006; Graciano, 2020).

O MIES salvaguarda todas as publicações do Diário Oficial do RN, desde a fundação do jornal *A República*, editado por Pedro Velho de Albuquerque, em 1889. Além da guarda de documentos históricos, fazem parte do acervo expositivo da instituição maquinário gráfico, ferramentas e mobiliários oriundos da oficina tipográfica. Uma significativa parte do acervo exposto (Figura 1) é composta por maquinários que sempre estiveram instalados no DEI, onde funcionava uma parte da *Typographia d'A República*, desativada no final da década de 1990. A concepção deste espaço foi acompanhada por um esforço considerável de preservação e manutenção do acervo pelos servidores técnicos do DEI, e que hoje está quase totalmente em exibição (Figura 2). O acervo do MIES está organizado em uma exposição de longa duração, que passou por poucas alterações desde sua instalação. Essa característica se deve à grande dificuldade em deslocar diversos itens, devido ao seu peso ou por estarem fixados ao chão, que foi especialmente preparado para acomodar as máquinas de impressão gráfica. Segundo Graciano (2020), a sala de exposição possui cerca de 138m², e os objetos estão em sua

² A fundação da Imprensa Oficiressos em outros periódicos. Houve até a tentativa de fundar uma folha oficial em 1947, a partir da homologação da lei nº 169 de 2 de novembro de 1847, pelo então vice-presidente da província do RN, João Carlos Wanderley, que apreal do Rio Grande do Norte (RN) é 1928. Ressalta-se que antes disso, os atos oficiais da Província e depois do Estado eram impsentava o projeto para a criação da Gazeta do Rio Grande do Norte, para a publicação de documentos oficiais (leis, relatórios, projetos da assembleia provincial, entre outros), porém, o projeto não foi implantado (Fernandes, 2006).

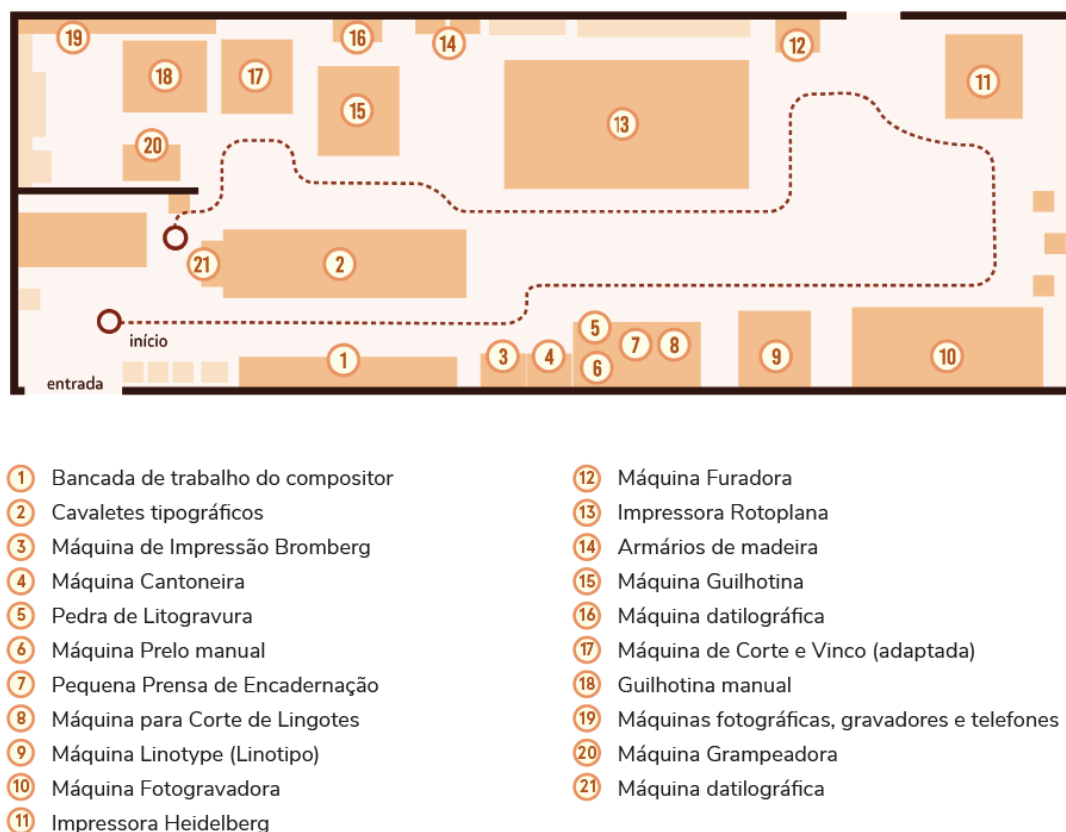
³ A Imprensa Oficial do RN foi transformada em Departamento Estadual de Imprensa em 1941.

maioria dispostos próximo às paredes, sem um planejamento expositivo, mantendo apenas sua disposição original.

Figura 1: Museu da Imprensa Eloy de Souza, imagem do acervo dos pesquisadores



Figura 2: Planta baixa do museu com a indicação do acervo exposto (Graciano, 2020, p.33)



Os maquinários e as ferramentas expostos no Museu estão em plenas condições de uso e preservados desde a criação do museu. As impressoras tipográficas são operadas pelo impressor Valdeci Correia dos Santos, atualmente colaborador do Museu e servidor público aposentado do DEI. O impressor faz a manutenção dos maquinários e coloca parte das impressoras tipográficas em funcionamento sem tinta para a finalidade de demonstração durante as visitas escolares agendadas. Essa prática dentro do espaço expográfico concede que o visitante amplie a experiência vivenciada do conteúdo, permitindo observar o processo real de impressão e ouvir os sons do mecanismo da impressora tipográfica. Cabe mencionar que todos os maquinários receberam um circuito elétrico para o acionamento individual, o que permite maior segurança para o visitante. Apesar da plena capacidade de operação das máquinas expostas, a máquina corte e vinco, a guilhotina e a Linotipo não são operadas nas visitas para assegurar a segurança dos visitantes uma vez que não existe uma barreira física de acesso a elas. A Linotipo, por exemplo, só é colocada em funcionamento quando o antigo linotipista do DEI, José Lima, visita o Museu. A seguir, apresenta-se algumas máquinas expostas no MIES e informações elaboradas a partir de dados fornecidos pelos colaboradores do DEI e de Porta (1958).

Quadro 1: Maquinário exposto do Museu da Imprensa Eloy de Souza

Máquina	Descrição	Indicação de origem
Impressora plano-cilíndrica	Utilizadas para impressões em formatos maiores, esta máquina tem dupla rotação.	Marca Machinery Fabricação inglesa Adquirida na década de 1930
Furadeira (Saca-bocados)	Utilizada para fazer furos em fichas e/ou etiquetas.	Marca Consanti Fabricação nacional Adquirida na década de 1960
Prensa de impressão	Utilizadas para fazer impressão manual de pequenas tiragens, como cartões de apresentação, senhas e outros modelos de cartões.	Marca Bromberg Fabricação alemã Adquirida na década de 1940
Máquina Linotype (Linotipo)	Automatizou o processo de composição, permitindo a composição por linhas. Possui 3 partes distintas: composição, fundição e teclado. A capacidade de produção é de seis mil a oito mil toques por hora.	Marca Mergenthaler Fabricação norte-americana Adquirida na década de 1930
Pequena prensa de encadernação	Utilizadas para prensar livros e submeter à colagem.	Marca não identificada Fabricação nacional Adquirida na década de 1950
Prelo manual	Utilizadas para serviços de primeiras provas de serviços gráficos e jornais, para efeito de revisão.	Marca não identificada Fabricação nacional Adquirida na década de 1960
Máquina de cantear	Utilizadas para fazer cantos redondos em formulários em fichários.	Marca não identificada Fabricação nacional Adquirida na década de 1960
Impressora tipográfica (prensa vertical)	Impressora tipográfica de palheta, formato 8, utilizada nos serviços de impressão e numeração de formulários, nota fiscal, fichas, talões e outros.	Marca Heidelberg Fabricação alemã Adquirida na década de 1970
Guilhotina manual	Utilizadas para corte de papelão, capas duras de livros e coleção de jornais.	Marca Krause Fabricação alemã Adquirida na década de 1950
Guilhotina	Utilizadas para serviços de corte de papéis diversos para impressão gráfica e acabamento (corte final) de livros, revistas, jornais e formulários em geral.	Marca Guarani Fabricação Alemã Adquirida na década de 1950
Máquina de corte e vinco (Boca de sapo)	Utilizadas para serviços de corte e vinco de capas de livros, caixas, cartões, convites.	Marca Monopol Fabricação Alemã Adquirida na década de 1950
Grampeadora	Utilizadas para serviços de encadernação mecânica de revistas, talões, plaquetes.	Máquina Miurna Fabricação nacional Adquirida na década de 1950

Além das máquinas em perfeito estado de uso, vale mencionar que o mobiliário está igualmente preservado. O MIES possui 8 cavaletes para tipos, entretanto, apenas metade deles conserva os tipos de metal. Possui também 2 estantes para lingões e cunhas e

3 cavaletes que atualmente armazenam em caixas as entrelinhas, os quadrados e os espaços, separadas por tamanho. Cabe observar que a distribuição do mobiliário no espaço do museu não corresponde ao original da *Typographia d'A República* e as ferramentas (galé de bolandeira, cunha, tipômetro, pinça, componedor, rolete tira provas) estão espalhadas nos mobiliários sem uma clara organização. Embora a distribuição física dos mobiliários e das ferramentas não estejam em consonância com o funcionamento prático e ergonômico de uma oficina tipográfica, é um espaço com muito potencial para o desenvolvimento de práticas gráficas experimentais, a exemplos de várias produções executadas por estudantes do Curso de Design da UFRN (Figura 3) com a colaboração do impressor do DEI.

Figura 3: Produção experimental com tipos móveis de madeira do DEI com a colaboração do impressor



Atualmente, o MIES funciona apenas no período da manhã com dois servidores do DEI e dois estagiários do Curso de História da UFRN. Tendo em vista que o museu executa suas funções com uma quantidade restrita de colaboradores, as ações conjuntas, relatadas nos projetos descritos, são esforços para qualificar o espaço expositivo e tornar o MIES um espaço vivo ao permitir a composição manual de tipos e a impressão. Neste sentido, um projeto, desenvolvido em 2017 e 2018, que vale mencionar, identificou os tipos distribuídos em 55 caixas presentes no espaço expositivo. De acordo com Lopes Neto et al. (2019), das fontes identificadas (Figuras 4 e 5), 33 são provenientes da Funtimod, 15 são da Funtimod ou Manig, 2 são da Funtimod ou Monotype, 3 são da Manig e 1 é da Monotype. Para além das fundições reconhecidas, foi encontrada uma fonte tipográfica chamada *Grottesco largo neretto corpo 48* e teve seu desenho de face identificado em um catálogo de uma fundição italiana chamada *Società Augusta Torino*.

Figura 4: Impresso da fonte *Kabel Meio Preto* corpo 28, da Funtimod



Figura 5: Impresso da fonte *Grottesco largo neretto* corpo 48, de origem italiana



Do mesmo modo que os tipos metálicos estão em perfeito estado de conservação, o MIES possui um conjunto de caracteres de madeira (Figura 6). Embora a fonte não tenha sido identificada, o conjunto de caracteres é recorrentemente explorado em atividades didáticas com estudantes do Curso de Design da UFRN.

Figura 6: Acervo de caracteres de madeira



É relevante a contextualização da proveniência dos tipos, pois há indícios em estudos, iniciados pelo grupo de pesquisa das autoras deste artigo, que muitas das gráficas localizadas no Rio Grande do Norte, em especial as situadas na região do centro histórico da capital Natal, possuíam acervos análogos, o que inclui a Gráfica Manimbu, cujo acervo de tipos móveis de metal e clichês foram transferidos para a salvaguarda do Curso de Design da UFRN.

3 Planejamento da didática com tipos móveis no Museu da Imprensa Eloy de Souza

O processo de composição manual com tipos de metal não mudou desde os primórdios de Gutenberg, no início do século XV. Segundo Craig (1987), o tipógrafo trabalha com as mesmas ferramentas, a saber: o componedor, a caixa de tipos e os tipos metálicos.

Na busca de compreender na prática como funcionaria um laboratório para impressão tipográfica, organizou-se uma visita técnica no Laboratório de Práticas Gráficas (LPG) da Universidade Federal de Pernambuco. Tal visita foi fundamental para o projeto, pois forneceu subsídios para idealizar uma oficina com tipos de metal e clichês tipográficos com os equipamentos existentes no Laboratório-Oficina do Departamento de Design da UFRN e no Museu da Imprensa Eloy de Souza. Durante a visita ao LPG/UFPE (Figura 7), foram observados alguns procedimentos que poderiam funcionar em futuras atividades didáticas nos espaços do Laboratório-Oficina da UFRN e MIES, a saber: (1) fornecer material de apoio com desenho da caixa demonstrando a localização dos caracteres; (2) selecionar previamente a caixa para a composição manual; (3) trabalhar em mesas grandes com a caixa apoiada na mesa, sem a necessidade de compor com a gaveta aberta no cavalete; (4) utilizar algum recurso de apoio para a composição individual e posterior montagem na rama de impressão, a exemplo da guarnição metálica em substituição do componedor. Logo, concluiu-se que essa organização também facilita o controle do acervo e comodidade dos participantes. As imagens que seguem, fazem parte do acervo das pesquisadoras.

Figura 7: Equipe da UFPE e da UFRN durante uma atividade de composição com tipos no LPG/UFPE



Na visita ao LPG/UFPE, observou-se a importância de se manter a organização e a limpeza do espaço. Pois além de funcionar como um espaço de pesquisa, recentemente algumas disciplinas são ofertadas no laboratório. Então, o grupo de pesquisa elaborou uma série de informativos com sugestões de boas práticas para a manutenção do ambiente, incluindo impressos de zine e cartazes elaborados com os maquinários e as ferramentas do acervo do LPG/UFPE. Ademais, identificou-se que o impressor, técnico vinculado ao laboratório e antigo colaborador da oficina tipográfica da Editora da UFPE, assume um papel protagonista para didática e produção experimental para a composição e a impressão de tipos móveis. Deter o conhecimento de todo processo que envolve a tipografia é essencial para a preservação correta do acervo. Cabe mencionar que muitos espaços que salvaguardam tipos móveis, associado à pesquisa e/ou ao ensino, são constituídos de acervos que fazem parte da memória gráfica local, a exemplo do Gráfico Amador na UFPE.

A partir da experiência no LPG/UFPE e das reflexões sobre a viabilidade de execução, optou-se em realizar uma primeira experiência formativa no MIES. Os critérios utilizados na escolha do local foram a infraestrutura mais adequada e a presença de um especialista na área, um impressor aposentado que ainda colabora no Museu. Ao considerar uma ação formativa em um espaço não formal de ensino e com especificidades, como é o caso de um museu, deve-se levar em conta a preservação e a segurança do acervo.

Figura 8: Participantes recebem as primeiras orientações do impressor.



Para a organização da oficina no espaço do MIES foi realizado um planejamento, considerando a quantidade máxima de participantes no espaço disponível na instituição

museal. O ambiente do espaço expositivo do MIES foi adotado considerando a proximidade das caixas tipográficas e das demais maquinários. Para acomodar os participantes, deslocou-se a mesa utilizada em acabamentos gráficos da gráfica do DEI para o espaço do Museu. A dimensão da mesa foi fator limitante, que condicionou a participação de no máximo 7 pessoas (Figura 8). Dessa maneira, a mesa foi disposta na maior área disponível, entre os cavaletes tipográficos e a impressora plano-cilíndrica, local que menos compromete a circulação do espaço expositivo.

A oficina didática teve o propósito de difundir o processo de composição manual com os tipos móveis, fornecendo subsídios de contextualização técnica e histórica presentes no próprio acervo em exposição, e oportunizar o desenvolvimento de uma atividade prática. O planejamento foi organizado em fases (Quadro 2), considerando três horas de atividade distribuídas em dois dias.

Quadro 2: Proposta formativa

Duração (em minutos)	Descrição das atividades
Primeiro dia	
30	Apresentação dos participantes
30	Apresentação da história do MIES e do DEI
30	Exploração guiada para conhecer os equipamentos e o acervo de tipos móveis
90	Apresentação da caixa tipográfica e instrução de como planejar a composição com tipos móveis de metal
Segundo dia	
60	Montagem da rama e impressão da prova
60	Ajuste na matriz de impressão
60	Impressão e refile

4 Reflexões acerca da experiência formativa realizada

O primeiro dia da oficina ocorreu no dia 20 de dezembro de 2024, seguindo o planejamento desenhado. Houve a participação de 7 discentes do Curso de Design da UFRN, convidados em função da capacidade do local. Uma docente do Curso de Design, professora Elizabeth Romani, e um impressor do DEI, Valdeci Correia dos Santos, foram os facilitadores das atividades. Cabe esclarecer, que os participantes inscritos conheciam o MIES e, de igual maneira, tinham conhecimento sobre o desenvolvimento da imprensa local, o que inclui a história do Museu e seu acervo. Por conseguinte, o tempo destinado à apresentação deste conteúdo foi utilizado para apresentar e contextualizar o projeto de pesquisa, a oficina proposta e os objetivos pretendidos com a ação.

Durante a exploração guiada para conhecer as fontes, foram escolhidas a Kabel Estreito Meio corpo 28pt (Figura 9) e Antiga Oficial corpo 16pt, considerando as fontes existentes no acervo do Laboratório-oficina do Departamento de Design da UFRN e a possibilidade de reprodução da didática na universidade no futuro. Outro critério para a seleção foi o tamanho do corpo, que facilitasse o manuseio por participantes que tivessem o primeiro contato com tipos móveis metálicos. Após a seleção das caixas, cada participante ganhou um impresso com o desenho mostrando a distribuição dos caracteres, conforme se observa na figura 11.

Figura 9: Caixa de escolhida para atividade



Assim, as gavetas foram colocadas em uma mesa adjacente para que os participantes não ficassem circulando no espaço do Museu com os tipos, correndo o risco de perder os caracteres separados para a composição. Além da preservação do acervo, acredita-se que restringir a circulação minimiza os riscos de acidentes com o maquinário presente no local. Os facilitadores, a docente e o impressor, instruíram aos participantes que esboçassem em papel o texto pretendido para facilitar a separação dos caracteres nas duas caixas. Assim, foi proposto que a composição de nomes curtos em até duas linhas. Com os tipos e os espaços (também conhecidos como reforços) separados, cada participante fez a sua montagem em um componedor (Figura 10). Cabe destacar que o MIES possui 10 componedores, o que permitiu que cada participante utilizasse um de maneira individualizada. De acordo com Craig (1987), o primeiro passo para a composição manual é o ajuste do componedor para a medida da linha de texto desejada. No caso da oficina, não se estabeleceu uma largura de coluna para os participantes, entretanto, foi proposto a elaboração de textos curtos.

As ações propostas para o primeiro dia se encerraram com a amarração com barbante da composição, realizada com o auxílio do impressor. Após a amarração, as composições foram transferidas da mesa para a galé de bolandeira (mesa metálica rasa) e depois para composição da forma tipográfica. Observa-se, que a ação formativa teve o propósito de realizar

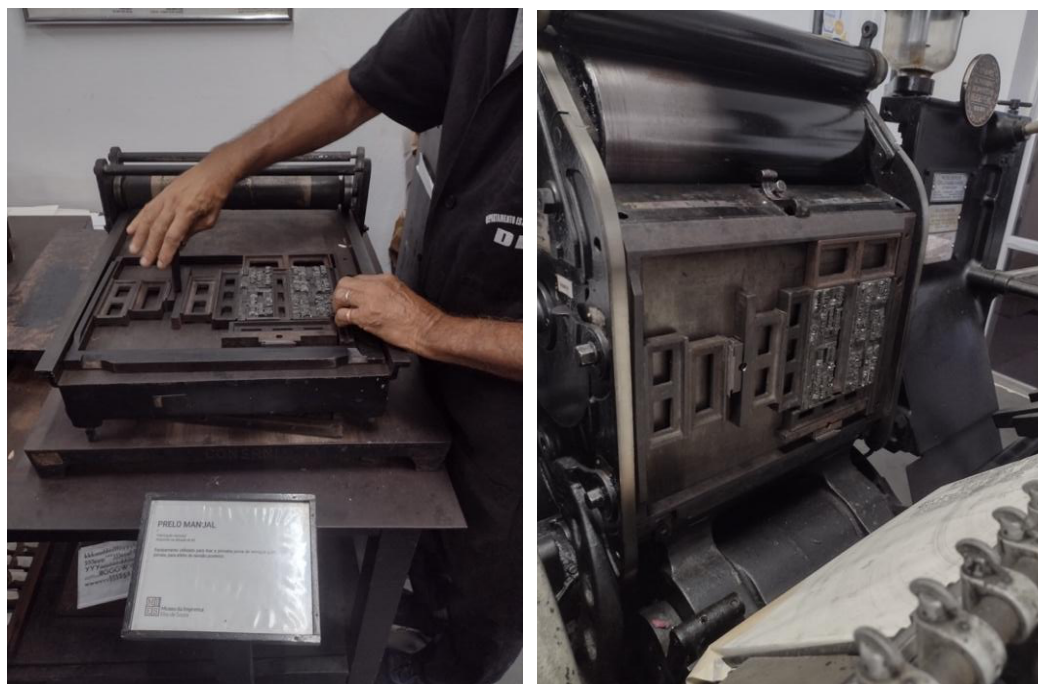
composições de baixa complexidade para que os participantes pudessem desenvolver em um determinado tempo e sem conhecimento prévio sobre tipografia.

Figura 10: Participante montando no componedor e impressor amarrando a composição



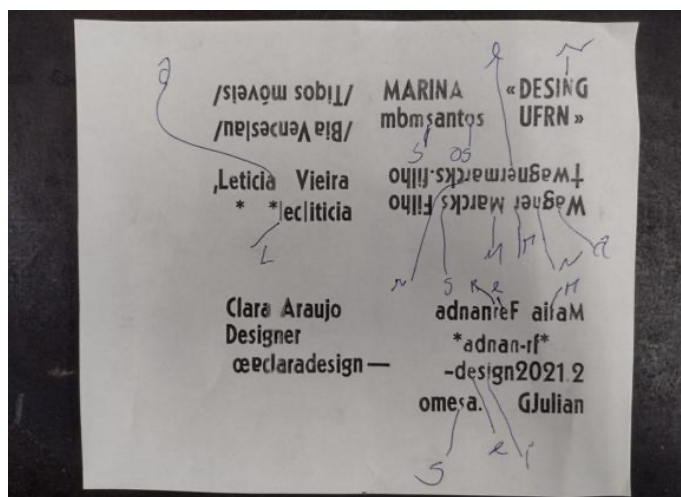
No segundo dia de atividade, houve a participação do impressor em quase todo o processo, pois foi o momento de inserir as composições individuais na rama tipográfica (caixilho retangular metálico). O impressor fez os ajustes de travamento da composição na rama com as guarnições e os cunhos, organizando a composição de maneira a otimizar o suporte de impressão (Figura 11). Durante o processo de organização da rama, o impressor aproveitou para explicar como ocorre o processo de verificação de fixação dos tipos com a chave de cunho, além de demonstrar como eram realizados os ajustes finais, antes de levar a rama à impressora tipográfica. A prova de impressão foi realizada na impressora tipográfica (prensa vertical) da marca Heidelberg ao invés do prelo manual. Tal decisão foi motivada pelo péssimo estado de conservação do rolo de pressão do prelo.

Figura 11: Impressor apertando o cunho em cima do prelo manual e a rama na impressora



Após a tiragem de 5 provas, o impressor identificou os erros de grafia e as partes em que a tinta não estava uniforme (Figura 12). Ademais, atentou-se à deformação dos caracteres pelo uso, algo que prejudica a legibilidade e a leitura do material impresso. A docente e o impressor observaram que a distribuição das composições dos participantes na rama dificultou o refile. Diante disso, identificou-se a necessidade de planejar os espaços na rama e limitar os caracteres para os espaços pré-definidos.

Figura 12: Prova de impressão com anotações para correção



Na sequência, os caracteres identificados para substituição foram trocados no momento da recomposição da rama. Neste segundo dia, identificou-se a necessidade de delimitar os espaços na rama para cada participante, o que agilizará o processo de montagem e, consequentemente, a otimização de tempo. É importante mencionar que o tempo proposto para as atividades em dois dias foi insuficiente, sendo que o impresso e o refile ficaram para um terceiro dia de atividade não previsto inicialmente.

5 Considerações

As pesquisas desenvolvidas no Museu da Imprensa Eloy de Souza geraram subsídios para a promoção de ações educativas futuras e propostas de aplicações práticas utilizando o acervo do museu na criação de peças gráficas experimentais. Essas dinâmicas possibilitam reviver uma técnica de produção gráfica que teve expressiva importância no estado e que atualmente poucos conhecem, o que resulta na desvalorização de parte da memória gráfica local. Cabe destacar que ações didáticas envolvendo o Museu geram impactos positivos para o conhecimento e reconhecimento das tecnologias gráficas do passado à comunidade universitária, e de igual maneira mostrar à sociedade a importância de se resgatar e conservar a memória gráfica do estado.

O planejamento da ação formativa nos museus e posterior avaliação da proposta, permitiu identificar questões fundamentais para novas propostas no futuro. Dentre as reflexões mais relevantes estão: (1) a organização prévia dos equipamentos e das caixas de tipos de maneira a facilitar o manuseio e minimizar a circulação de pessoas durante a oficina; (2) a elaboração de material de apoio para contribuir na formação complementar; (3) a preparação da rama com as divisões considerando a quantidade de participantes; (4) a destinação de tempo para limpeza após a impressão e a atividade de guarda dos tipos na caixa. A última atividade não estava prevista no planejamento, no entanto, considerou-se como uma etapa adicional importante para discutir a conservação do patrimônio do MIES.

Esta pesquisa não se encerra aqui, cabendo em estudos futuros mensurar o tempo necessário para desenvolver uma montagem com participantes sem conhecimento prévio de tipografia e de processos gráficos. Dessa maneira, neste momento não foi possível dimensionar a complexidade da atividade desenvolvida na oficina. Julga-se também necessário apontar a presença do impressor durante toda atividade formativa, o que foi essencial para todas as etapas. Logo, conclui-se que o facilitador precisa ter experiência e conhecimento para a composição com tipos metálicos e para a impressão tipográfica. Há indícios que a impressão em uma baixa tiragem também poderia ser realizada no prelo manual, mas que pelas condições do equipamento não puderam ser verificadas. Por fim, espera-se que a pesquisa exposta possa contribuir no incentivo de outras experiências didáticas e reforçar a importância de se divulgar o acervo de tipos móveis preservados. De igual maneira, almeja-se que a reflexão sobre o processo de ensino de técnicas para composição em um espaço não formal de ensino amplie a discussão na área do design da informação relacionado com a abordagem no patrimônio cultural, resgates gráficos e tipográficos.

Referências

- Aragão, I. R. (2010). Os tipos móveis de metal da Editora UFPE: apontamentos e descobertas. *Anais do Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*, 9. São Paulo: AEND|Brasil.
- Aragão, I. R. (2016). *Tipos móveis de metal da Funtimod: contribuições para a história tipográfica brasileira*. [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. BDTD da USP. <https://doi.org/10.11606/T.16.2016.tde-01092016-154117>
- Aragão, I. R., Farias, P. L., Almeida, E. J., & Farias, A. M. (2012). Um estudo comparativo entre a catalogação dos tipos móveis da Editora UFPE e da Oficina Tipográfica da FAUUSP. *Anais do Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*, 10.
- Carter, T. F. (1955). *The invention of printing in China and its spread westward*. (2a ed). New York, NY: The Ronald Press Company.
- Craig, J. (1987). *Produção gráfica*. São Paulo: Nobel.
- Farias, A. M. (2008). *Tipos móveis de metal: um resgate histórico e o uso de tipos e clichês na atualidade*. [Monografia de Graduação não publicada]. Departamento de Design. Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.

- Febvre, L., & Martin, H.J. (2017). *O aparecimento do livro*. São Paulo, SP: Edusp.
- Fernandes, A. (2006). *História da Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte*. Natal, RN: Departamento Estadual de Imprensa.
- Fernandes, L. (1998). *Imprensa periódica no Rio Grande do Norte de 1832 a 1908*. 2a ed. Natal, RN: Fundação José Augusto; Sebo Vermelho.
- Graciano, S. O. F. (2020). *Estudo preliminar para a exposição Memória Potiguar: do Jornal A República às oficinas tipográficas do RN*. [Monografia de Graduação não publicada]. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil.
- Leschko, N. M., Damazio, V. M. M., Lima, E. L. O. C., & Andrade, J. M. F. (2014). Memória Gráfica Brasileira: Notícias de um campo em construção. *Anais do Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*, 11, Gramado. São Paulo, SP: Blucher Design Proceedings, 1(4), 791-802. <https://doi.org/10.5151/designpro-ped-00795>
- Lopes Neto, L. G.; Dimas, G. G.; Romani, E. & Aragão, I. R. (2019). Identificação dos tipos móveis de metal do Museu da Imprensa Eloy de Souza: uma proposta para requalificar o acervo. *Anais do Congresso Internacional de Design da Informação - CIDI*, 9, Belo Horizonte. São Paulo, SP: Blucher Design Proceedings, 6(4), 2655-2662. <https://doi.org/10.5151/9cidi-congic-6.0060>
- Lupton, E. (2006). *Pensar com tipos: guia para designers, escritores, editores e estudantes*. São Paulo, SP: Cosac Naify.
- Porta, F. (1958). *Dicionário de Artes Gráficas*. São Paulo, SP: Editora Globo.
- Strazzi, J.R., Portella, R.C.; Farias, P.L. (2015). Catalogação de tipos móveis do acervo da oficina tipográfica da FAUUSP: cavalete A. *Anais do Congresso Internacional de Design da Informação - CIDI*, 7. São Paulo, SP: Blucher Design Proceedings, 2(2), 1613-1617. https://doi.org/10.5151/designpro-CIDI2015-congic_29

Sobre as autoras

Elizabeth Romani, Dra, UFRN, Brasil <elizabeth.romani@ufrn.br>

Helena R. Bastos, Dra, UFRN, Brasil <helenarugai@gmail.com>

Juliana G. Atanazio, Bach, UFRN, Brasil, <julianagomesatnz@gmail.com>

Ana Clara P. Araujo, Grad, UFRN, Brasil <clara.araujo.117@ufrn.edu.br>